

Ecologia Integral e Reconciliação: reflexões a partir de Bento Rodrigues

Integral Ecology and Reconciliation: Reflections from Bento Rodrigues

René Dentz

Resumo

A história a seguir foi escrita desde relatos clínicos de um atingido de Bento Rodrigues. O subdistrito de Bento Rodrigues encontra-se a 35 km do centro de Mariana, o Estado de Minas Gerais. Em outubro de 2015, Bento Rodrigues tinha uma população estimada em 600 habitantes, que ocupavam aproximadamente 200 casas. “O Bento”, assim chamado por seus moradores, foi um dos caminhos mais importantes da Estrada Real. No dia 5 de novembro de 2015, a barragem de Fundão, que continha rejeitos da extração e processamento do minério de ferro, rompeu-se, atingindo centenas de moradores das vilas de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, que se situavam a alguns quilômetros. Qual o papel da religião nesse episódio? É possível alcançar o perdão a partir da memória apaziguada? O perdão à comunidade do Bento deveria passar por um caminho diferente, que não foi alcançado, está ainda um horizonte distante... A reconciliação do povo seria reconstituir a terra, a comunidade e sua vida cotidiana. O povo foi inserido no meio urbano, distante dos seus vínculos existenciais. O personagem Jó pode exemplificar a condição de vazio do povo do Bento, evocando o abismo do sofrimento no qual se encontra mergulhado.

Palavras-chave: Terra. Memória. Perdão. Sentido. Identidade.



Abstract

The following story was written from clinical reports of a person affected by Bento Rodrigues. The sub-district of Bento Rodrigues is located 35 km from the center of Mariana, the State of Minas Gerais. In October 2015, Bento Rodrigues had an estimated population of 600 inhabitants, who occupied approximately 200 houses. “O Bento”, so called by its residents, was one of the most important paths along the Estrada Real. On November 5, 2015, the Fundão dam, which contained tailings from the extraction and processing of iron ore, broke, affecting hundreds of residents of the villages of Bento Rodrigues and Paracatu de Baixo, which were located a few kilometers away. What is the role of religion in this episode? Is it possible to achieve forgiveness from the appeased memory? Reconciliation of the people would be to reconstitute the land, the community and its daily life. The people were inserted in the urban environment, far from their existential bonds. The character Job can exemplify the condition of emptiness of the people of Bento, evoking the abyss of suffering in which he is immersed.

Keywords: Earth. Memory. Forgiveness. Sense. Identity.

Introdução

A comunidade do Bento viveu injustiças em sua retomada catastrófica de vida. Muitos o culpavam pela calamidade econômica que vivia a cidade de Mariana, dizendo que eles recebiam altos valores de compensação. Além de não ser verdade, era sim, antes de tudo, uma injustiça, pois o que mais a comunidade queria era a retomada de sua vida cotidiana (e isso sempre parecia estar em um horizonte distante!). Uma outra injustiça foi imputada a esse sofrido povo: que eles não deixaram antes suas terras devido aos riscos da mineração. Ora, a terra originariamente é do povo, os interesses econômicos surgem violentamente depois, trazendo degradação da natureza e de seus recursos.

Procuramos fundamentar o presente artigo em diversos lugares: o teológico, o filosófico, o sociológico e o psicanalítico. Na condição de psicanalista, realizei atendimentos a núcleos familiares de atingidos pela barragem de Bento Rodrigues durante os anos de 2018 e 2019. Os relatos abaixo foram adaptados e utilizados nomes fictícios.



A vida seguia seu curso... Até que um dia a lama chegou... E a vida e seu sentido foram interrompidos. O trágico bateu a porta, junto com o sofrimento, sem saber exatamente o seu porquê, como Jó. É preciso acolher os sujeitos excluídos, que sofrem por causa do preconceito, da exclusão, da violência simbólica, da culpa, considerando as manifestações de uma corporeidade pulsional, ao mesmo tempo frágil e desejosa de construções novas. Muitos se apegam a estruturas abstratas e metafísicas, esquecendo que o mal, por exemplo, está na pobreza, na violência, no preconceito (todos estes não podem ser banalizados!). A religião não deve se fixar em pensamentos absolutos, violentos, mas estar sempre aberta ao outro, às alteridades vindas do chão, do “mundo-da-vida”, da existência concreta. Os desfigurados da história devem ser escutados em seu protagonismo essencial. Essa escuta não advém da ciência ou do saber, mas das manifestações da corporeidade, da sexualidade, da diversidade. Dessa maneira, podemos pensar em “cura” como processo de libertação de si mesmo e da sociedade, libertação de estruturas violentas, da culpa. E assim, alcançamos um estágio de abertura ao humano e às suas demandas efetivas. No caso da comunidade do Bento, o horizonte de cura passa pela terra, pelo chão, pelas raízes profundas.

1. Histórias do Bento: sofrimento dos inocentes

Durante a vida cotidiana em Bento Rodrigues, Sr. João (nome fictício), atualmente com mais de 70 anos, trabalhava com atividades de agricultura e pecuária, tendo contato diário com os seis irmãos e a família em geral. Nascido e criado no Bento, lá estavam suas histórias, suas lembranças, seus sofrimentos, suas alegrias e sua vida. Nunca precisou tomar remédio para dormir, mas agora necessita, pois o sono é frequentemente leve, acordando várias vezes durante a noite. Relata sonhos com o rompimento da barragem e acorda assustado, com medo, imaginando que o evento irá acontecer novamente. Sua condição de diabético piorou nos últimos dois anos, sendo relatado por médicos de que foi devido à condição emocional. Permanece constantemente em casa, com sinais claros de depressão profunda, pois não apresenta vontade de fazer nada, sua fala também é arrastada, demonstrando abatimento. Afirma com frequência que sua vida teve fim, que não tem mais sentido sem sua terra, com lágrimas nos olhos.

Sr. João sente muita falta dos amigos e parentes, sobretudo irmãos, com os quais trocava alimentos e prosas diárias. Parece-lhe que a família,

os amigos e a comunidade acabaram. Também sente falta dos animais, pois apenas sobraram alguns, que estão em uma fazenda distante. Os animais não eram apenas para o sustento, mas faziam parte de um projeto de existência, de cuidado, de um ciclo quase perfeito da vida, da natureza.

A terra era o local onde viveu muitas histórias, onde cotidianamente pisava, trabalhava, onde caía seu suor, onde seu trabalho era realizado dignamente. Ela também fornecia generosamente os alimentos, com fartura, podendo inclusive oferecer vários deles aos amigos, à comunidade. Para além de um meio de vida, a terra era um meio de historicidade e de pertencimento. No chão do Bento (chamado dessa forma pelos moradores, como se fosse uma pessoa), Sr. João enterrou seus parentes, seus animais, seus amigos. Lá está sua existência. Lá estava sua existência. É tudo confuso, pois parece que nada existe mais, apenas na memória, que se apaga aos poucos, na desesperança de nunca a vida ser mais como antes. O vínculo com o espaço não era simples, era profundo e estreito. E agora não há mais espaço, não há mais tempo. Mas seu corpo ainda subsiste, resiste, ainda está vivo, mesmo sem “existência”. Pessoas como o Sr. João, nascidas, criadas e moradores de mais de sete décadas no Bento, aprenderam a coexistir de forma harmônica com a terra, em cuidado com a Terra. Humanidade e Terra podem sim ser uma unidade complexa.

Terra e humanidade formam uma grande e complexa unidade. É o que nos testemunham os astronautas que puderam ver a Terra da Lua ou de suas naves espaciais (...). Essa visão de totalidade nos torna humildes e ao mesmo tempo orgulhosos por nos sentirmos parte do universo, aquele ser pelo qual o próprio universo se sente, se pensa e venera a Fonte Originária de todos os Seres.¹

Uma das suas maiores preocupações atuais é que não está morando em uma casa (que chama de “morada”) própria. A casa tinha todo sentido simbólico, pois foi construída aos poucos, tijolo por tijolo, a cada ano de sua vida buscando aumentar um cômodo, incrementando alguma melhoria. A casa é a segurança, mas não significava limite com a comunidade ou isolamento. Ao contrário, todos tinham livre acesso.

Um dos mais belos livros da Bíblia aborda justamente essa dimensão trágica humana: o livro de Jó. O poeta busca fazer de Jó um caso típico; portavoz não somente de sua experiência pessoal, mas de toda a humanidade. Jó não

¹ BOFF, L., Reflexões de um velho teólogo e pensador, p. 115.

fez nenhum mal e todo mundo se volta contra ele, parecido com a realidade do povo do Bento, como veremos a seguir...

Bem mais do que um personagem real, Jó é um personagem verdadeiro; sua verdade está a procurar além de sua história real, além daquilo que ele tenta dizer dele mesmo. Sua verdade está no intervalo entre o jamais aberto e o mutismo, o fechamento no mal em excesso e o surgimento da palavra. É esse excesso de vida, de mal e de ausência de sentido que se inscreve no outro, ao menos a título de possibilidade. Assim, não importa se Jó tenha existido ou não, importa que ele é um personagem “real”. Não se trata de uma verdade em si, mas uma verdade do leitor, que remete ao seu próprio excesso de vida, de mal e de ausência de sentido, ao seu próprio ser de verdade.

Em alguns momentos da vida nos deparamos com o inexplicável em situações que rompem uma “lógica natural” da existência. Quando acontece uma tragédia, a morte de inocentes, perguntamos se há um sentido no acontecimento ou não. Procuramos sentidos como forma de alento e compreensão, mas, no fundo, não entendemos o porquê dos acontecimentos trágicos, bruscos e que interrompem ciclos da vida.

Presenciar um desafio teológico-existencial: como o justo pode sofrer se o mal não é fruto de sua falta? Por que existe o sofrimento do inocente? O mal parece ter origem puramente na condição humana.

É possível verificar o que faz Jó sofrer: a condenação ao ostracismo, a perseguição por parte dos que o acompanham. Ele não fez mal nenhum e, mesmo assim, todos se afastam dele, o que foi um fenômeno também presenciado pela comunidade do Bento. Esse povo sofrido não fez mal algum! Ao contrário, era um povo que trabalhava a terra, vivia o espírito comunitário e em harmonia com a natureza. Como diversos membros remanescentes da comunidade de Mariana, Jó também chega a acreditar que vai morrer e será uma morte violenta, chegando a imaginar a efusão de seu próprio sangue: “Ó terra, não cubras meu sangue, não encontre meu clamor um lugar de descanso!” (Jó 16,18).

Nos primeiros meses após a tragédia do rompimento da barragem, o Sr. João pensou que tudo fosse voltar rapidamente ao normal. No entanto, ao perceber que não seria assim, iniciou um processo de depressão, que foi se aprofundando até alcançar graus mais elevados, configurando depressão profunda. Hoje não realiza nenhuma atividade de trabalho e nem de lazer.



Lytta Basset,² teóloga suíça, afirma que Jó diz claramente do que ele sofre. Não fez nenhum mal e todo mundo se volta contra ele.

O personagem Jó (ou o Sr. João e o povo do Bento) não cessa de falar de si mesmo ao longo de todo livro. O autor, preocupado em evocar o abismo do sofrimento no qual se encontra mergulhado Jó, coloca o leitor diante da impossibilidade, porque diante da extrema dificuldade de falar de si nessa situação. Jó começa então a falar de si em forma de monólogo, porque então seus amigos começam sempre a falar de Deus. Eles não entram jamais em diálogo com Jó. Com isso, seria possível falar de Deus na situação do abismo? O autor, em certo sentido, não quer dar relevância à realidade do mal em si.

2. Religião como sofrimento ou liberdade?

No século XVIII, filósofos iluministas acreditavam que a religião era a “infância da razão”, que seria uma forma de pensar superada em poucas décadas. Tais pensadores estavam errados! Se olharmos em diversos cenários atuais, as religiões são fonte de sentido para milhares e milhares de pessoas em todo o planeta. Aí está sua principal função: dar sentido à existência humana. Afinal, se um amigo seu estiver em um leito de morte, quem você chamaria para uma conversa com ele? Um cientista? Um empresário? Ou um religioso? Talvez um religioso, pois poderia dizer sobre a vida e a morte, sobre esperança, alento, paz, perdão... A religião pode ser genuína, cumprindo sua função original de “religare”, “religar” à unidade, ao todo, por meio do simbólico, do sagrado. Por isso, diante de temas difíceis, como o é o da morte e da finitude, ela porta profundo sentido. Sobre o lugar genuíno da religião, nos ensina Leonardo Boff:

A religião funda a incondicionalidade e a obrigatoriedade das normas éticas muito melhor do que a razão abstrata ou o discurso racional, parcamente convincentes e só compreensíveis por alguns setores da sociedade que possuem as mediações teóricas de sua apreensão. A religião, por ser a (cosmovisão) mais generalizada, concretamente, o caminho comum das grandes maiorias, é mais universal e compreensível. Ela vive do Incondicional e procura testemunhá-lo como a dimensão profunda do ser humano. Só o Incondicional pode obrigar incondicionalmente.³

² BASSET, L., *Au-delà du pardon, savoir tourner la page*, p. 51.

³ BOFF, L., *Reflexões de um velho teólogo e pensador*, p. 124-125.

No entanto, é preciso chamar a atenção para elementos que podem trazer sofrimento e culpa por meio da religião. É preciso entender que o sentido que falamos anteriormente tem ressonância em cada indivíduo, em cada alma, em distintas conexões inconscientes. No Cristianismo, por exemplo, como se trata de uma religião revelada, há a exigência de interpretação e de acolhimento da Palavra por cada ser, individualmente e comunitariamente. É preciso interpretar a mensagem diante dos desafios de cada época.

Por isso, o Cristianismo sincero não pode fugir jamais de seu horizonte: aquele da vulnerabilidade. E esse horizonte revela a condição humana: a de vulnerabilidade corpórea. Essa condição é justamente aquela que deu origem ao cristianismo: a da Encarnação. O verbo se fez carne, se fez humano, se fez corpo. O Reino foi um “reino invertido”, a partir dos pobres, oprimidos, vulneráveis, a fortaleza se mostrou na fraqueza, o poder no “não-poder”, a vingança no perdão.

Assim, a religião deve servir para libertar os humanos da culpa e não inseri-los mais e mais nela. Este pode ser um caminho perverso. A culpa gera paranoia, neuroses, depressão, desistência da vida. A beleza do “religare” se transforma em violência do sagrado.

As religiões constituem uma das construções de maior excelência do ser humano. Todas elas trabalham com o divino, com o sagrado, com o espiritual, mas não detêm o monopólio do espiritual. Ele é um dado antropológico, da dimensão do profundo. Ocorre que as religiões podem se autofinalizar e se autonomizar, articulando os poderes religiosos com outros poderes ideológicos e políticos.⁴

No caso do Sr. João, verificamos sinais de aceitação, de resiliência, ao afirmar que tudo o que está acontecendo foi “Deus que quis”, mas, ao mesmo tempo, ressalta que não dá para entender completamente todo o acontecido. Parece uma mistura de revolta diante do trágico, mas ao mesmo tempo de medo, diante do que é inexplicável. Eis o lado violento do sagrado.

Esse é o mundo onde o habitar é movido pelo inevitável, onde tudo parece atender a urgente necessidade que a tudo sacraliza. Rebusca as longínquas terras da infância e, na potencialidade ali resguardada – no encantamento sem reservas, lá onde nos desvencilhamos do medo de estar entre o dizível e o indizível –, encontra modos para des-criar a obviedade

⁴ BOFF, L., Reflexões de um velho teólogo e pensador, p. 171.

existente. Conclama-nos a penetrar por frestas da subjetividade, da liberdade individual, conscientes de que no império do necessário e da impossibilidade não há sujeito, não há liberdade, tampouco criação.⁵

Embora não se trate de negar que o ser humano tenha uma tarefa a realizar, a luta pela ética é a luta pela liberdade, ou seja, luta para que possamos experimentar nossa “própria existência como possibilidade ou potência”.⁶

Segundo o filósofo italiano,⁷ tornar algo sagrado era, no Direito Romano, um conceito que designava a fuga das coisas da esfera do direito humano. Ao buscar a origem do termo “religio”, nosso filósofo descobre que não deriva de “religare”, mas de “relegere”, que indica justamente o caminho oposto: o que se deve observar para respeitar a separação entre o sagrado e o profano. Dessa maneira, a religião não se opõe à incredulidade e à indiferença em relação ao divino, mas à “negligência” com relação a ele, uma atitude livre e espontânea.

3. Luto e o caminho da memória

Sigmund Freud, pai da Psicanálise, aborda a dimensão humana do luto e da melancolia através das faltas e rupturas do passado. O médico austríaco compreende o luto como uma reação à perda, não necessariamente de um ente querido, mas, de igual modo, algo que tome as mesmas proporções, portanto um fenômeno mental natural e constante durante o desenvolvimento humano. Dessa maneira, nesse processo, nada existe de inconsciente a respeito da perda, ou seja, o enlutado sabe exatamente o que perdeu. Além disso, o luto é um processo natural instalado para a elaboração da perda, que pode ser superado após algum tempo e, por mais que tenha um caráter patológico, não é considerada doença, sendo assim, interferências tornam-se prejudiciais.

No caso dos sobreviventes do Bento, muitos relatam ter sonhos com cenas do “fim do mundo”. Uma senhora, por exemplo, relatou diversas vezes ter sonhos repetidos com cenários apocalípticos, até mesmo com um vírus que afetou toda a humanidade (e isso antes da pandemia do coronavírus!).

O luto é um processo lento e doloroso, que tem como características uma tristeza profunda, afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre o objeto perdido, a perda de interesse no mundo externo e a incapacidade de substituição com a adoção de um novo

⁵ BÊTA, J. L., Madras, p. 28.

⁶ AGAMBEN, G., Estado de exceção, p. 9.

⁷ AGAMBEN, G., Estado de exceção, p. 65.

objeto de amor. Já na melancolia o ser humano vivencia uma situação de falta, uma sensação inconsciente de que alguma coisa não está no seu devido lugar em seu psiquismo. No entanto, ele não sabe exatamente o que é. Trata-se de uma perda, mas que pode ter acontecido, de alguma forma, em algum lugar do passado... Ressoa em todos os anos, em seu cotidiano, em sua existência... Esse processo verificamos em diversos atendimentos psicanalíticos aos atingidos do Bento. Como terra, comunidade, corpo e existência fundamentavam sua identidade, sua personalidade e alcançava níveis inconscientes, a perda representou melancolia profunda. O luto não foi possível, ou poderíamos dizer, foi e está sendo um processo complexo. Afinal, em poucos minutos toda a comunidade e a história foram violentamente desconstruídas.

Muitos não suportaram mais a nova existência imposta, desistindo da mesma. O número de casos de suicídio e de sua tentativa foi alto. Outros não o fizeram, mas pensaram por diversas vezes. A culpa religiosa, em muitas situações, os mantinha vivos, “vivos sem sentido”.

A nossa proposta esse artigo é expor uma via de perdão a partir das narrativas possibilitadas do não-dito. As pessoas que foram atingidas pela barragem, que perderam suas terras, sua vida em plenitude, não tiveram a chance de construir novas narrativas, nem mesmo fundadas no seu luto. Por isso, a escuta é um lugar essencial. Ela possibilita expressar a dor em sua essência, como ferida exposta. A partir da escuta é possível atestar as dores, as angústias, a melancolia, sem, no entanto, inseri-las em categorias racionais. A genuína escuta rompe com as violências simbólico-miméticas que imputam culpa e colocam os sujeitos vulneráveis em um lugar social construído não a partir de suas subjetividades reais.

4. Identidade, memória e elementos de libertação

Os seres humanos possuem uma identidade que advém da cultura e de sua via indireta, da família, das relações entre a figura paterna e a materna. No entanto, nossas raízes, nossas lembranças de infância, daqueles momentos iniciais de constituição de identidade, são fundamentais para uma vida feliz e uma consciência apaziguada. É bom que nos lembremos sempre de nossas raízes, de onde viemos.

Nesse processo, dois aspectos são fundamentais. A relação com a comunidade em que estamos inseridos, as tradições e costumes vivenciados pelo povo e a relação com o espaço público. O senso de pertencimento a uma

comunidade é fundamental para termos refletida na cultura a nossa identidade.

A cultura do Bento estava vinculada à terra, à natureza, aos animais... A criação e o ciclo da vida seguiam um caminho peculiar. A memória do povo se perdeu com a destruição de fotografias, pertences pessoais, casas, pastos, animais, lavouras, cachoeiras...

O Papa Francisco nos ensina a importância da colaboração para a construção da nossa casa comum. A cultura, nesse momento, ganha um contorno especial. No caso do Bento, os elementos no parágrafo anterior apontados, se mostram essenciais a qualquer horizonte de reconciliação.

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu projecto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum. Desejo agradecer, encorajar e manifestar apreço a quantos, nos mais variados sectores da actividade humana, estão a trabalhar para garantir a protecção da casa que partilhamos. Uma especial gratidão é devida àqueles que lutam, com vigor, por resolver as dramáticas consequências da degradação ambiental na vida dos mais pobres do mundo. Os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos.⁸

Por isso, pertencer a um país é saber qual foi sua formação cultural, saber quais foram suas feridas ético-históricas e suas complexidades. No nosso caso, em uma cultura tão diversificada, como é a cultura brasileira, é preciso identificar os traços e a riqueza. Para isso, é preciso também que identifiquemos o que são elementos de imitação da cultura. Por isso defendo que não devemos ter como fundamento educacional uma pedagogia ou uma filosofia da educação estrangeira, como virou moda em alguns contextos (da Finlândia). A educação deve refletir as raízes culturais e os problemas do país. Na Finlândia, por exemplo, não é necessário estudar a cultura indígena ou a cultura negra, além de suas exclusões históricas. Dentro dessa lógica, é interessante notar como o povo alemão se envergonha de seu passado nazista e introduz essa dimensão em seu sistema educacional.

⁸ LS 13.

Os alunos alemães, em geral, visitam pelo menos uma vez durante sua vida escolar, um campo de concentração onde foram exterminados milhares de judeus. Nas escolas de Minas Gerais, sobretudo nas de Mariana, seria preciso que as histórias do Bento fossem contadas, inseridas em currículos e que os alunos da região pudessem conversar ou visitar as terras que ficaram devastadas...

A cultura é elemento fundante em uma sociedade. Ela gera identidade de um povo, de um indivíduo e a sua própria ética. A grande armadilha que corremos o risco de cair é aquela da imitação cultural. Não somos e não seremos europeus ou norte-americanos. Nelson Rodrigues, maior dramaturgo brasileiro, dizia que o brasileiro possui um “complexo de vira lata”, pois comumente considera a sua cultura como inferior àquela do estrangeiro. Não é possível comparar culturas! Pois cada uma tem seu sistema de valores, crenças, paradigmas.

O negro torna-se vítima da violência mais covarde. Tendo sido animalizado como ‘tração muscular’ em serviços pesados e estigmatizado como trabalhador manual desqualificado, é exigido dele agora que se torne trabalhador orgulhoso de seu trabalho. O mesmo trabalho que pouco antes era o símbolo de sua desumanidade e condição inferior. Ele foi jogado em competição feroz com o italiano, para quem o trabalho sempre havia sido motivo principal de orgulho e de autoestima. Belo início da sociedade ‘competitiva’ entre nós.⁹

Por isso, precisamos cultivar a memória. No caso brasileiro, é preciso não que não percamos o horizonte da memória de uma ferida histórica: aquela da escravidão! É trágico imaginar que as terras das minas gerais seriam palco de massacres cruéis da população negra e, séculos depois, de pobres comunidades rurais. O Brasil viveu e cultivou marcas profundas da escravidão em sua identidade, que pode ser presenciada pela exclusão, pela desigualdade e pelo preconceito, que reflete em outras circunstâncias e eventos históricos. Não podemos repetir erros do passado e só podemos fazer isso com a ajuda da memória. Dentre alguns grupos, a memória é ferida, tem a presença de sangue e sofrimento. O sofrimento do povo ressoa, não cessa facilmente, deixa marcas de geração em geração.

⁹ SOUZA, J., A elite do atraso, p. 33.

5. O horizonte de justiça e perdão

O perdão pode ser compreendido como um uso “poético” da memória, que propicia a superação da falta de memória ou do esquecimento excessivo, bem como do excesso de memória, o que permite o trabalho da lembrança e a narrativa das histórias do passado de outra forma. Perdoar passa a ter uma função de ressignificar um trauma ou uma dívida do passado. Dirige-se não aos acontecimentos cujas marcas devem ser protegidas, mas à dívida cuja carga paralisa a memória e, por extensão, a capacidade de se projetar de forma criativa no porvir.

O perdão possibilita uma sociedade plural, democrática e que institui o reconhecimento aos seus sujeitos vulneráveis. Por meio desse caminho abrimos espaço para o nascimento de um eu criativo, livre, resultantes em “espírito livre”, como diria Nietzsche.

A dimensão do perdão é uma prova da evolução humana. Ela é a última etapa de uma sequência evolutiva: a tolerância, a reconciliação e o perdão. Este surge apenas a partir de uma “memória apaziguada”, o que o filósofo francês Paul Ricoeur chamou de “memória feliz”.¹⁰ Trata-se da possibilidade de desligar o agente do ato, abrindo um campo de potencialidades para sujeitos que cometeram falhas, mas que são mais do que suas falhas. É evidente que o perdão deve vir acompanhado com a justiça e o reconhecimento. O pedido de perdão pressupõe sua aceitação. Sobre um possível horizonte de perdão, incluindo a justiça, nos ensina o Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si*:

Ao mesmo tempo cresce uma ecologia superficial ou aparente que consolida um certo torpor e uma alegre irresponsabilidade. Como frequentemente acontece em épocas de crises profundas, que exigem decisões corajosas, somos tentados a pensar que aquilo que está a acontecer não é verdade. Se nos detivermos na superfície, para além de alguns sinais visíveis de poluição e degradação, parece que as coisas não estejam assim tão graves e que o planeta poderia subsistir ainda por muito tempo nas condições atuais. Este comportamento evasivo serve-nos para mantermos os nossos estilos de vida, de produção e consumo. É a forma como o ser humano se organiza para alimentar todos os vícios autodestrutivos: tenta não os ver, luta para não os

¹⁰ RICOEUR, P., A memória, a história e o esquecimento, p. 74.

reconhecer, adia as decisões importantes, age como se nada tivesse acontecido.¹¹

O perdão à comunidade do Bento passaria por um caminho diferente, que não foi alcançado, é ainda um horizonte... A reconciliação do povo seria reconstituir a terra, a comunidade e sua vida cotidiana. Os anos se passaram, o povo foi colocado na cidade, sem o chão, sem seu fundamento e sem seus vínculos. A reconciliação proposta não parece ser suficiente: a construção de casas em um local que não é rural, onde não haverá a comunidade em sua integralidade e onde a vida seguirá o rumo diferente. Receio que o assim chamado “Novo Bento” presenciaremos cenas tristes e melancólicas de seus moradores ainda olhando para o teto, esperando o tempo e o ciclo da vida se finalizar corporalmente, pois em sentido já finalizou!

O horizonte de perdão está no fundamento de um mundo mais pacificado e mais feliz, porque ela o porta e o desenvolve, sendo recurso contra o mal, que deve ser entendido como ação: a violência, a desigualdade, o preconceito, etc.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. **Estado de exceção**. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

BASSET, L. **Au-delà du pardon, savoir tourner la page**. Paris: Presses de la Renaissance, 2006.

BÊTA, J. L. **Madras: Arte e Sagrado em Arthur Bispo do Rosário**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2013.

BOFF, L. **Reflexões de um velho teólogo e pensador**. Petrópolis: Vozes, 2018.

DENTZ, R. **Existe liberdade no perdão?** Um diálogo com a Filosofia e a Teologia a partir de Paul Ricoeur. Curitiba: Appris, 2019.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Laudato Si'*: sobre a casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2016.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

¹¹ LS 59.



SOUZA, J. **A elite do atraso**. Da escravidão à lava-jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

René Dentz

Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia

Docente da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Belo Horizonte / MG – Brasil

E-mail: dentz@hotmail.com

Recebido em: 08/02/2021

Aprovado em: 29/04/2022

